

Utilização de cantigas de roda nas escolas públicas da cidade de Lavandeira (TO)

The use of circle time songs at public schools in the Tocantins State of Lavandeira

Wilson Rogério Santos

Universidade Federal de Tocantins

Lourenny Elohenny Ferreira Silva

Universidade Federal de Tocantins

Resumo: O trabalho tem como temática a educação musical desenvolvida nas escolas de Ensino Fundamental, cujo objetivo foi averiguar a existência da utilização das cantigas de roda nas atividades pedagógicas realizadas nas salas de aula de duas escolas da cidade de Lavandeira (TO), propondo-se, também a estudar e a descrever como se dá esse uso. A intenção é colaborar na elaboração de propostas pedagógicas que possam ser aproveitadas nas práticas dos professores. A pesquisa fundamenta-se em teóricos como: Loureiro (2001), Fonterrada (2005) e Penna (2014) e tem viés quali-quantitativo, de natureza exploratória. Para a produção de dados, foi utilizada a observação reativa e a confecção de um questionário semiestruturado. Como resultados, observou-se que a música é intensamente utilizada; no entanto, as *cantigas de roda* são bem menos frequentes. Além disso, constatou-se a necessidade de ampliar a formação das professoras que atuam junto a esse público.

Palavras-chave: Música nas escolas. Educação musical. Cantigas de roda. Ensino Fundamental.

Abstract: The theme of this paper is the musical education developed at elementary schools. Its objectives are to find out if circle time songs are used in teaching activities carried out in the classrooms of two schools of the Tocantins State city of Lavandeira and, if the case, to study and describe how they are used. The study aims to collaborate with the formulation of proposals that can be adopted in teaching practices. Based on theoreticians such as Loureiro (2001), Fonterrada (2005), and Penna (2014), this exploratory research is qualitative and quantitative. For data production, we used reactive observation and designed a semi-structured questionnaire. The results showed that music is intensively used, but circle time songs are much less frequent. In addition, it was verified that teachers who teach children requires broader training.

Keywords: Music in schools. Musical education. Circle time songs. Elementary School.

Introdução

Este artigo relata uma pesquisa desenvolvida visando à conclusão do curso de Licenciatura em Educação do Campo (Música) na Universidade Federal do Tocantins. Seu foco foi perceber qual é a importância atribuída às canções de roda (e, conseqüentemente, à música) e como se dá, de fato, a utilização destas cantigas e da música nas salas de aula dos primeiros anos de duas escolas municipais da Cidade de Lavandeira, uma pequena cidade da região sudeste do estado do Tocantins.

Além de entender se existe a utilização das cantigas de roda nas escolas, o trabalho propõe-se a esclarecer alguns itens como: a) Que efeito essas cantigas trazem na formação dos alunos dessas escolas? b) Se e como as cantigas de roda têm sido elemento positivo na formação dos alunos; c) Qual a contribuição delas na formação dos alunos? d) De que forma é feita a sua utilização?

O trabalho, realizado entre os anos de 2017 e 2018, está fundamentado em teóricos como: Loureiro (2001), Fonterrada (2005) e Penna (2014) e foi realizado em três etapas: a) pequeno levantamento bibliográfico e construção de um referencial teórico; b) organização metodológica e processo de coleta dos dados; c) análise dos dados e apresentação das conclusões.

A cidade de Lavandeira está situada no sudeste do estado do Tocantins, a meio caminho entre Palmas (TO) e Brasília (DF), distante cerca de 500 quilômetros de cada uma; tem uma população de aproximadamente 1.600 pessoas (IBGE, 2010). Embora se tratando de um pequeno aglomerado urbano, a região, tal qual grande parte do estado do Tocantins, caracteriza-se como “Município rural adjacente ou município rural remoto” (IBGE, 2017, p. 10), ou seja, os municípios destas áreas mesclam características de campo e de cidade, fato que “nos dá a medida da importância de uma formação humanística voltada às questões do campo” (SANTOS, 2019).

A região apresenta uma grande diversidade cultural que tem, como componente essencial, a cultura dos negros remanescentes dos quilombos

e que se enriqueceu com o resultado das migrações e de várias influências dos povos que habitam e se mudaram para a região. As manifestações religiosas e leigas acontecem durante todo o ano, seja nas Folias de Reis em janeiro, nas Folias do Divino Espírito Santo, que vão de janeiro a julho, nas festas populares, como o Entrudo e nas festas dos santos padroeiros.

Revisão da literatura e referencial

Muito foi escrito sobre a utilização das cantigas de roda nas escolas regulares e é provável que isso se deva, principalmente, às conexões existentes entre os diversos assuntos que giram ao redor do tema: a música, a Educação Infantil, as tradições populares etc. Para a realização de uma breve revisão da literatura, optamos por utilizar trabalhos mais recentes, sendo que a maioria dos trabalhos analisados trata da importância da inclusão da música nas primeiras séries do Ensino Fundamental. Nesse rol estão Tennroller e Cunha (2012), que estudaram a importância da música no ensino das crianças da Educação Infantil. As autoras procuraram investigar se as professoras utilizam a música no processo ensino/aprendizagem com as crianças de cinco a seis anos. E questionaram quais recursos são utilizados e qual a preparação das profissionais. Com relação às crianças, foi observada a reação das crianças perante as atividades relacionadas à música, considerando sempre o conhecimento dos estudados, não ignorando origens, hábitos e nem conceitos.

Farias (2013) aborda o assunto a partir de uma vivência no processo de estágio, e discute de que forma as cantigas e brincadeiras de roda podem contribuir para o desenvolvimento e aprendizagem das crianças na pré-alfabetização. A autora conclui que essas ferramentas constituem processos pedagógicos importantes para a alfabetização, uma vez que contribuem para o desenvolvimento da criança.

Esses trabalhos contaram com entrevistas realizadas com professores, com objetivo de verificar se os docentes acreditam na importância que esse tipo de música pode ter, constituindo-se, possivelmente, em um elemento relevante para as crianças e para a compreensão de outras disciplinas. Este é o caso do trabalho de Maria

Bernardino da Silva (2014) que analisa o uso da música no processo de ensino e aprendizagem na Educação Infantil e na prática pedagógica do professor. De forma mais específica, verificou-se a utilização da música no dia a dia da atuação docente, a identificação das cantigas utilizadas, e procurou-se descobrir o valor que as educadoras dão à música na aprendizagem infantil. A pesquisadora conclui que:

[...] a música (ritmo e melodia) é o componente que merece destaque na cantiga de roda, uma vez que a linguagem musical é fundamental para o desenvolvimento da expressão, do equilíbrio, da autoestima e do autoconhecimento da criança. Assim sendo, o trabalho com cantigas de roda na alfabetização pode auxiliar no desenvolvimento das crianças a partir do momento em que o professor explora essa atividade com objetivo pedagógico, para facilitar o processo ensino-aprendizagem (SILVA, 2014, p. 35).

Com relação aos resultados da pesquisa, ela acredita que “[...] os docentes reconhecem a importância da música como suporte no processo de alfabetização, visto que a maioria utiliza as cantigas de roda como recurso didático-pedagógico na construção do conhecimento e na socialização dos alunos (SILVA, 2014, p. 35). No entanto, o fato de ter sua importância como elemento de contribuição na formação do aluno não quer dizer que a inclusão da música seja feita de maneira adequada e que exista um treinamento para que os professores realizem esta utilização a contento. De fato, ao inquirir docentes sobre a ‘importância da música’, é difícil pensar que podemos ouvir um ‘não’ como resposta. Presume-se que seja senso comum essa ‘importância’, mas, na prática, será que ela existe realmente? E que tipo de música será utilizada na escola?

Ceron (2014) procurou em seu trabalho analisar as contribuições da música na Educação Infantil para as crianças com faixa etária de zero a cinco anos, levantando dados, opiniões e concepções dos professores. Ela percebeu que, mesmo sem formação em Música, os professores consideravam que o componente musical traria benefícios para o desenvolvimento da criança, seja mental, físico, cognitivo, afetivo ou social e que as professoras entrevistadas ficaram focadas na contribuição que a música tem para o aprendizado de outras disciplinas. No entanto, nas conclusões de seu trabalho, critica a forma como a música é utilizada na escola:

Infelizmente a música é utilizada na educação infantil formal, na maioria das vezes como mera reprodução de cantos, não oportunizando a criação das crianças. O 'cantar de rotina' é o que mais é utilizado, talvez pela falta de conhecimento musical dos educadores ou pela ausência de propostas musicais que envolvam a criança e auxiliem no seu desenvolvimento, brincando (CERON, 2014, p. 4).

Esse posicionamento é corroborado na pesquisa de Ribeiro e Euzébio (2013, p. 12) que afirmam:

Compreendendo sua relevância e por trabalhar em uma escola onde algumas professoras utilizam a música como metodologia para determinar regras e horários escolares, e outras para alfabetizar, e sabendo ainda que o universo musical é amplo e sua utilização pela mídia está cada vez mais empobrecida.

A explicação talvez esteja na formação do professor unidocente ou generalista (não especialista) que trabalha com as crianças dessa idade. Ceron (2014) acredita que os educadores infantis demonstram insegurança em trabalhar uma área do conhecimento que não é sua especialidade ou com a qual não tiveram contato na academia (CERON, 2014, p. 9) e acreditam que uma possível solução para essa questão é a presença do professor da área no processo.

Já Soares e Rubio (2012) pesquisaram as contribuições que o uso da música na escola pode oferecer ao processo de alfabetização das crianças do primeiro ciclo do Ensino Fundamental e concluíram que o papel da música na educação não está apenas no foco da experiência lúdica, mas é um direcionamento de sua potência afetiva para se tornar uma grande ferramenta facilitadora do processo de aprendizagem, tornando a escola, a aula e as atividades mais alegres e receptivas e, também, ampliando o conhecimento musical do aluno, já que a música é um bem cultural ao qual todos devem ter acesso. Essas autoras têm uma visão um pouco diferente; em suas conclusões, parecem nos dizer que acreditam que é possível formar musicalmente os educadores:

Assim, é necessária a sensibilização dos educadores para a conscientização quanto às possibilidades de a música favorecer o bem-estar e o desenvolvimento das potencialidades dos alunos, ao trabalhar diretamente com o corpo, a mente e as emoções (SOARES; RUBIO, 2012, p.

13).

Ao mesmo tempo, as autoras acreditam que a presença desse tipo de música também poderia ser resgatada nas famílias e nas casas:

Infelizmente, as famílias têm perdido esse momento de construção lúdica por meio das cantigas e parlendas, pois, com a vida cotidiana agitada, os filhos perdem a vez para o emprego e cansaço dos pais e, nos poucos momentos livres, as crianças se distraem com programas de televisão (algumas vezes, nada construtivos), computadores e *videogames* - as novas "babás eletrônicas" (SOARES; RUBIO, 2012, p. 12).

Santos e Magalhães (2010) também tiveram uma percepção parecida, ao estudarem a utilização das cantigas de roda em uma creche do município de Santana (AP). As autoras também consideraram a importância de resgatar as cantigas de roda como instrumento do processo de ensino e aprendizagem, dado o descaso das instituições escolares para com o tema, que o levaram ao esquecimento, suprimindo-o gradativamente de seu contexto escolar e, conseqüentemente, do meio familiar:

Percebeu-se que as cantigas de roda são cantadas aleatoriamente, somente para 'passar o tempo', sem uma contextualização histórica, cultural e social. Constatou-se, também, que a escola não trabalha a interdisciplinaridade dos conteúdos das cantigas, as ideologias que as mesmas contêm e, ainda, a falta de projetos pedagógicos voltados para as artes, em especial, ao lúdico. Este último talvez seja o maior problema, pois a escola não dispõe de um corpo técnico que auxilie os educadores na construção do referido projeto, de forma que se valorize a realização desta prática, dando liberdade à criatividade do aluno (SANTOS; MAGALHÃES, 2010, p. 209).

Poderíamos continuar com esta revisão por mais algumas páginas, mas as conclusões seriam repetidas, basicamente em duas questões: (i) constata-se a importância da presença da música e, em especial, das cantigas de roda nas escolas de formação inicial e (ii) a necessidade de formação do profissional que, hipoteticamente, trabalharia esses conteúdos em classe.

No entanto, preferimos destacar dois trabalhos que apresentaram uma visão um pouco diferente sobre o assunto. O primeiro é de Farias

(2013) que relata, em suas conclusões, perceber que a música deve ser utilizada como ferramenta pedagógica no processo de alfabetização e que o brincar é de suma importância na eficiência do desenvolvimento infantil e deve ser encarado como um processo. Mas o que mais chama a atenção é o relato de que as crianças afirmam sentir prazer durante as atividades. A pesquisadora conclui que

[...] durante os relatos entusiasmados das próprias crianças, quando explicaram que brincando sentem alegria e 'aprendem', propiciando uma reflexão de que a educação infantil deve ser fundamentada em uma pedagogia voltada para a 'infância', respeitando a seriedade que é 'brincar' para as crianças (FARIAS, 2013, p. 51).

O segundo trabalho, de Silva e Castro (2016), trazem um relato de experiência em que destacam a importância da música no processo educacional, especialmente na Educação Infantil, o que permite a socialização, desinibição, descoberta e formação da autoestima. O estudo trouxe, para o cotidiano das crianças, músicas de roda como *Peixe vivo*, *A canoa virou* e *Se essa rua fosse minha*. As autoras acreditam que essas músicas simples são as apropriadas para as crianças, conforme afirma: "A maioria delas foi e continua sendo tradicionalmente cantadas de geração em geração, espalhando-se por todo o mundo. Algumas canções são oriundas de outros países e estão presentes no repertório infantil de crianças de todo o mundo" (SILVA; CASTRO, 2016, p. 8).

Elas creem na importância de resgatar essas músicas de forma que a cultura popular não seja esquecida, acreditando que tal atividade pode contribuir para salvaguardar manifestações culturais que estão em vias de serem perdidas, não fazendo mais parte da vivência das crianças.

Cantigas de roda

No verbete *cancioneiro infantil*, de seu Dicionário de Folclore, Luís da Câmara Cascudo define:

Compreende como cancionário infantil a totalidade das cantigas entoadas pelas crianças em suas atividades lúdicas e que integram o universo infantil. Essas melodias passam de gerações a gerações, entoadas pelos adultos ao

entreter, embalar e fazer adormecer as crianças. São canções de ninar, acalantos, cantigas de roda e outras [...] (CASCUDO, 2002, p.102).

Já o verbete definindo o termo *roda infantil* chama a atenção para a forma lusitana de brincar, embora esclareça que há variações. O autor afirma que existe uma grande quantidade dessas cantigas, sendo que várias delas são dançadas com coreografia simples; outro fato destacado pelo autor é o abraqueiramento de diversas cantigas que se tornam tão nossas como se fossem nascidas no Brasil:

À força de cantar e ouvir abraqueiraram-se muitos desses cantos e são tão nossos como se nascidos no Brasil. Têm carta legítima de nacionalização. Seja a *Senhora Dona Sancha*, coberta de ouro e prata, seja a moda da Carrasquinha (ou Carranquinha), que faz a gente ficar pasmado, seja a *Ciranda*, *Cirandinha* ou qualquer outra, todas essas cantigas estão vivas [ou deveriam estar] em nossa memória. Não há dúvida de que pouco na roda infantil brasileira é especificamente nacional, mas talvez a razão disso seja o fato de, adotadas as lusitanas ou ainda as de procedência francesa, nos terem servido tão bem, na sua ingênua simplicidade, que duraram e, ao contrário de outras formas musicais importadas, que se mesclaram e transmutaram em matéria nova, as cantigas de roda defenderam o caráter primitivo o mais possível (CASCUDO, 2002, p. 593-4).

Na *Pequena História da Música*, Mário de Andrade chama a atenção para a questão:

A influência portuguesa foi a mais vasta de todas. Os portugueses fixaram nosso tonalismo harmônico; nos deram a quadratura estrófica; provavelmente a síncope que nos encarregamos de desenvolver ao contato da *pererequice* rítmica do africano; os instrumentos europeus, a guitarra (violão), a viola, o cavaquinho [...]. E em várias cantigas, populares tradicionais ou modernas no Brasil, até agora aparecem arabescos melódicos lusitanos (ANDRADE, 1980, p. 185) [itálico do autor].

De qualquer forma, é possível perceber que a influência portuguesa, mesmo sendo preponderante, não foi a única, pois as cantigas de roda também sofreram influência ameríndia e africana.

É necessário deixar claro que, neste trabalho, estamos tratando de *cantigas infantis de roda*, isso é importante, pois as danças de roda podem ter uma conotação muito diferente da primeira, sem perder a veracidade. É o que nos conta Alvarenga (1947), em um antigo livro que trata do assunto, quando coloca, na classificação de danças de roda, diferentes formatos como o batuque, o samba e a umbigada (ALVARENGA, 1947, p. 110-1). Ou, como relatam Brazão e Conceição (2008), quando no *Cancioneiro Tradicional Português* falam que “nas Cantigas de Baile de Roda revela-se a importância do cantar, do balhar (bailar), do namorar” (BRAZÃO; CONCEIÇÃO, 2008, p. 14).

É preferível considerar a definição de Silva (2014), para quem as “cantigas de roda e cirandas são brincadeiras infantis onde as crianças formam uma roda e, dadas as mãos, cantam melodias folclóricas, podendo ou não ter coreografias referentes às letras das músicas” (SILVA, 2014, p. 19). Ou a de Costa (2009) que define as cantigas de roda como

[...] tipo de canção popular diretamente relacionada com a brincadeira de roda. A prática é comum em todo o Brasil e faz parte do folclore. Consiste em formar um grupo com várias crianças, dar as mãos e cantar uma música com características próprias, como melodia e ritmo equivalentes à cultura local, letras de fácil compreensão, temas referentes à realidade da criança ou a seu universo imaginário e geralmente com coreografias (COSTA, 2009, p. 22).

Também é preciso considerar que outras formas de cantigas infantis, como acalantos, canções de ninar, canções de jogos, cantigas de passeio (brincadeiras, caminhadas com avanços e recuos), cantigas de histórias (nas quais a música identifica a personagem), cantigas cumulativas e cantos de não findar (aqueles em que o final emenda com o começo) podem ter utilização idêntica nas classes escolares e, portanto, devem ser incluídas no presente estudo; essas formas musicais criam um espaço propício para o desenvolvimento da aprendizagem do cognitivo; com seu potencial lúdico, possibilitam que se articulem as várias linguagens: oral, gestual, corporal, musical e a interação com os colegas e com o meio cultural e social.

Educação musical e visão de mundo

De acordo com Loureiro (2001, p. 36), “a música vem desempenhando, ao longo da história, um importante papel no desenvolvimento do ser humano, seja no aspecto religioso, seja no moral e no social”; ela está presente no nosso dia a dia e faz parte da nossa história. Fonterrada (2005), no livro *De tramas e fios*, discute os diferentes papéis e valores dados à música, afirmando que a importância dada à música e, conseqüentemente, à educação musical de vários períodos e locais foi alterada pela visão de mundo de cada época. Sendo assim, a música vai definir o seu papel dentro do contexto social a partir da visão de mundo das diversas sociedades.

A música reflete e sintetiza em si própria os valores da época, que podem ser vistos na medida matemática do tempo, no emprego da tonalidade em substituição à modalidade, na predominância da melodia acompanhada em substituição à multiplicidade de linhas, na estrutura formal ‘clara e distinta’ e na valorização de elementos de repetição, que são intrinsecamente dependentes da memória, pois é essencial, para apreciação dessa música, que o ouvinte reconheça os temas, frases e fragmentos a cada vez que surgem, repetidos exatamente ou em variações (FONTERRADA, 2005, p. 47).

Fonterrada (2005) esclarece que, no Brasil, a primeira proposta pedagógica em educação musical - em que os curumins das missões católicas eram treinados e aprendiam música e autos europeus - foi criada pelos jesuítas, dentro de seus princípios metodológicos e racionais de ensino. No entanto, essa educação musical estava ligada à Igreja e às formas e repertórios europeus (2005, p. 193). A autora afirma que “somente em 1854 se instituiu oficialmente o ensino de música nas escolas públicas brasileiras, por um decreto que ditava que o ensino deveria se processar em dois níveis: noções de música e exercícios de canto” (FONTERRADA, 2005, p. 194). Desde esse período, a música foi ganhando espaço aos poucos, sendo reconhecida como uma forma de ensino. Segundo a autora, no século XX, Anísio Teixeira trouxe a ideia de que a arte deveria ser retirada do pedestal e deveria ser colocada no centro da comunidade e afirma que, para este educador, “na escola, o ensino de música não deveria restringir-se a alguns talentosos, mas ser acessível a todos, contribuindo para a formação integral do ser humano” (FONTERRADA, 2005, p. 194).

A democratização do acesso à música esteve presente nos educadores que estruturaram o ensino da disciplina no início do século XX; sendo assim, a utilização das cantigas de roda também assumiu um papel na formação do aluno, visando não apenas sua socialização e convivência diária em comunidade, mas também como um modo estruturador de formação musical.

No entanto, em 1971, com a promulgação da Lei 5.692/71, o ensino de música sofre uma reviravolta. “O ensino de música passou e vem passando por inúmeras vicissitudes, perdendo seu espaço na escola” (FONTERRADA, 2005, p. 201). A música passa a ser vista não como disciplina, mas como atividade de educação artística, tornando-se apenas mais uma atividade, o que levou à sua utilização como um espaço de diversão, muitas vezes com participação restrita às datas comemorativas.

E o fato é que a música não consegue se inserir de modo significativo no espaço escolar, e a prática de educação artística que diferencia de escola para escola, acaba sendo dominada pelas artes plásticas [...] é essa a área em que a maior parte dos cursos se concentra, de modo que, em muitos contextos, artes na escola passa, pouco a pouco, a ser sinônimo de artes plásticas ou visuais (PENNA, 2014, p.128).

Fonterrada (2005) também aborda a existência desse problema em seu estudo, afirmando que:

A ausência, por tanto tempo, da música na prática da educação artística tem levado, com frequência, escolas, professores, pais e alunos a verem a disciplina como diversão e entretenimento, e não como possibilidade do fazer artístico e forma de conhecimento (FONTERRADA, 2005, p. 252).

A referida autora acredita que, “embora a música esteja em toda a parte, quase onipresente, não se sabe mais como incluí-la no elenco de disciplina na escola” (2005, p. 263). As idas e vindas das leis fizeram com que a presença do ensino musical nas escolas permanecesse no limbo, pois não se sabe mais como encaixá-la nos currículos escolares. Uma das últimas alterações é a Lei 13.278/16, que traz a obrigatoriedade do ensino de artes visuais, dança, música e teatro nas escolas; no entanto, além de muitas escolas desconhecerem tal lei, muitos diretores e gestores se recusam a cumpri-la sob diversas alegações, como a falta de professores

capacitados para ministrar as diversas linguagens. Outros colocam a disciplina em horários alternativos ou problemáticos, prejudicando a qualidade do ensino e sem a consciência de que a música, mesmo com os diversos problemas que encontra, tem um significado positivo para a sociedade. Penna (2014) acredita que

[...] a área de educação musical tem, cada vez mais fortalecido o seu compromisso com a educação básica, com um aumento dos estudos acerca da prática pedagógica nas escolas, seja para conhecer esta realidade seja para propor alternativas para esse contexto educativo (PENNA, 2014, p.151).

Dessa forma, é possível perceber a importância que a música exerce para a escola e para a sociedade e o quanto está sendo perdido quando a disciplina é desprezada dessa maneira.

Crianças adoram cantar e dançar, se arriscam a compor algumas coisas, inventam músicas ou sons; começam a ter maior controle quanto a sua voz; participam de vários jogos e brincadeiras musicadas; cantarolam para sua família e seus amigos (muitas vezes dentro de um tom); e podem começar a levar um instrumento musical com mais seriedade se acompanhadas por um profissional (REIS; REZENDE; RIBEIRO, 2012, p. 4).

Para a criança, em seu processo de desenvolvimento, toda novidade é bem-vinda e chama a atenção, existe disposição, e a aprendizagem é feita com facilidade. Muitos pedagogos acreditam na música como instrumento indispensável para a formação da personalidade da criança, uma vez que ela colabora com o enriquecimento de conhecimentos, com a socialização e com outros aspectos cognitivos, além de contribuir positivamente para o aprendizado de outras disciplinas como Matemática e Ciências. Pode-se dizer que, através da música, o aluno expressa sua emoção e aprende a concentrar-se adequadamente.

Metodologia

Trata-se de uma pesquisa quali-quantitativa, de natureza exploratória de viés básico, pois tem a intenção de “aumentar a soma dos saberes disponíveis, mas que poderão, em algum momento, ser utilizados

com a finalidade de contribuir para a solução de problemas postos pelo meio social” (LAVILLE; DIONE, 2007, p. 86).

A investigação foi realizada em, aproximadamente, 18 meses, durante três semestres letivos, sendo o projeto realizado em duas escolas da cidade de Lavandeira: a Creche Municipal Mundo Encantado e a Escola Municipal Nercilene Rocha. O público-alvo foram as professoras da Educação Infantil e das primeiras séries do Ensino Fundamental. Como instrumento de coleta de dados, foram realizadas observações mistas, por meio de uma guia de observação, embora outras informações que se mostraram importantes tenham sido colhidas. O perfil de participação foi o da observação reativa, que, segundo Coutinho, apoiada em Angrosino¹ “[...] significa que o observador se identifica, explica aos participantes quais são as suas intenções, mas assume sempre o seu papel de investigador, não tentando mudar o rumo natural dos acontecimentos” (COUTINHO, 2013, p. 138). É importante destacar que as questões éticas de consentimento informado e confidencialidade foram respeitadas, por conta de a pesquisa lidar com pessoas reais com direitos e a quem se devem obrigações morais.

Após a fase de observação, foram realizados dois trabalhos: 1) tabulação dos resultados das observações; 2) confecção de um questionário aberto que foi aplicado para as professoras da escola, sendo que essa ferramenta teve a finalidade de complementar os dados obtidos por meio das observações.

Em relação à tabulação dos dados, apesar de ser um procedimento mais utilizado em pesquisas quantitativas, mostrou-se a ferramenta mais adequada para organizar os dados da pesquisa.

Numa investigação os dados obtidos necessitam de ser organizados e analisados e, como na maioria das vezes tomam uma forma numérica, procede-se à sua análise estatística. Associamos sempre a estatística com a investigação quantitativa porque de facto, na investigação qualitativa a recolha e análise de dados é um processo contínuo integrado na sequência da investigação, de forte cariz indutivo, resultando como produto final uma descrição, ou seja, “palavras”. É certo que a estatística pode ser apropriada em certas etapas da análise de dados em investigação qualitativa [...] (COUTINHO, 2013, p. 151).

Quanto às observações, na análise dos dados, estas foram tabuladas segundo um processo quantitativo. Para isso, foi utilizada a estatística descritiva, definida por Coutinho (2013) como “processo que permite descrever os dados obtidos”. Em relação ao processo, a autora, considerando que “qualquer que seja a natureza dos dados, o objetivo da análise será sempre: a) organizar e descrever os dados de forma clara; b) identificar o que é típico e atípico; c) trazer à luz diferenças, relações e/ou padrões; d) encontrar respostas para o problema, ou seja, testar minhas hipóteses” (COUTINHO, 2013, p. 152).

A guia de observação foi dividida em três partes que procuraram abarcar os pontos mais significativos da pesquisa. Inicialmente algumas questões foram colocadas, entre as quais: se a professora observada utilizava músicas infantis, folclóricas ou de roda em suas atividades? Quais eram os tipos de música utilizados e de que maneira era feita essa utilização? Se as crianças cantavam junto com a professora, se a professora cantava sozinha ou se era utilizado algum tipo de instrumento ou aparelho eletrônico e também se havia utilização de versões ou apenas de músicas originais.

A partir das observações, pudemos concluir que, na Educação Infantil e no Ensino Fundamental das escolas da cidade de Lavandeira, a utilização da música é muito presente: todas as professoras (100% das professoras observadas) a aplicam em seus processos pedagógicos. Também foi possível observar que as cantigas utilizadas foram fundamentalmente as infantis.

No entanto, é importante notar que a utilização real das cantigas de roda, assunto principal deste estudo, é muito pequena. As músicas de roda, aquelas relacionadas a brincadeiras, em que as crianças formam círculos e se movimentam enquanto as entoam, conforme definido anteriormente neste trabalho, surpreendentemente têm pequena aplicação nas escolas, sendo que apenas 15% das professoras observadas utilizam este tipo de música em suas aulas.

Como exemplos de músicas utilizadas nas aulas, podemos destacar: *Deus é grande; Borboletinha; Telefone de Deus; Se meu passarinho canta; Atirei o pau no gato; Ciranda cirandinha; De abóbora faz melão; A canoa virou; Fui ao mercado; Cristo é a felicidade; O Sapo não lava o pé*. Ou seja, é

possível verificar uma utilização (não quantificada) de músicas voltadas à religião.

A maior parte das professoras (65%) utiliza o sistema de cantar com as crianças em pé, ao lado da carteira; o restante (35%) coloca as carteiras em círculo para realizar os cantos. Dessa forma, a maior parte das oportunidades em que as músicas são cantadas em sala de aula acontece com as crianças em pé ao lado das carteiras; então, mesmo sem entrar na questão do tipo de letra, não é possível considerar essa atividade como utilização de cantigas de roda, sendo que apenas 10% das professoras realmente empregam a 'roda' como atividade. Notou-se, também, que estes círculos são utilizados principalmente nas classes de Educação Infantil. Destacamos que é importante observar que algumas respostas aparecem em mais de uma situação, fazendo com que a soma dos resultados ultrapasse os 100%.

Outras atividades utilizando a música como suporte foram relatadas nas observações. As professoras empregavam a música como elemento pedagógico, facilitando a compreensão de conteúdos ensinados, especialmente os relacionados à questão do desenvolvimento oral, psicomotor e de lógica matemática.

Um exemplo observado em 10% das classes é a 'caixinha musical', uma atividade realizada em círculo com os alunos sentados no chão; enquanto cantam, eles passam uma caixinha que tem em seu interior cartões com vogais escritas; quando a música termina, a criança que está com a caixa retira uma letra, diz que letra é e escreve essa letra na lousa.

[...] durante a aula, as crianças sentam no chão e cantam uma música; ao mesmo tempo, passam uma caixa contendo cartões com as vogais; quando a música para, a criança que está com a caixa pega uma letra e a escreve na lousa (Relato de observação n.º 19, Creche Mundo Encantado, em 27/02/2018).

Outras atividades foram observadas em 5% das aulas: o Jogo da memória e o Canto das músicas do dia. O primeiro utiliza imagens e palavras. Neste jogo as crianças sentam no chão e colocam as peças viradas para baixo; em seguida, cantam uma música, cujo final tem o nome de uma das crianças; a escolhida vira as peças e tenta achar duas peças iguais.

[...] durante a aula, é realizado o jogo da memória com imagens e palavras produzidas pela estagiária; nele, as crianças sentam no chão e colocam pecinhas de madeira viradas para baixo; a seguir, cantam uma música e falam o nome de uma delas; a criança escolhida vai virar uma peça e tentar achar a outra peça igual (Relato de observação n.º 15, Creche Mundo Encantado, em 21/02/2018).

Na atividade Canto das músicas do dia, os alunos fazem gestos junto com a professora.

Na totalidade das observações, percebeu-se que as professoras utilizam músicas nos seus arranjos e letras originais e, também, músicas adaptadas, ou versões, que são feitas pelas próprias professoras ou por outro componente da equipe pedagógica. Observou-se, também, que, em 100% dos casos, não há utilização de instrumentos ou equipamentos de som.

Na segunda parte dos pontos a serem observados, foi possível perceber que as músicas são utilizadas predominantemente no início das aulas (100% das utilizações), mas algumas professoras as empregavam durante ou no final das aulas (20%). Além disso, notou-se que as músicas são utilizadas apenas dentro da sala de aula.

As funções da prática musical foram a de acolhida (100% das situações); interação dentro do grupo (40%); desenvolvimento oral (40%); desenvolvimento psicomotor e lógico-matemático (10%) e contação de história (15%).

Estas funções da prática musical se adequam e atendem perfeitamente as propostas das professoras e, por conta disso, foi possível notar claramente uma alteração positiva no comportamento das crianças que, ao cantarem, ficam mais animadas, atentas e interagiram entre elas, sendo que essa 'alteração' no comportamento das crianças muda conforme o tipo de música utilizado.

Nas classes observadas, foi possível perceber o emprego da música como meio de interação, socialização, acolhida e desenvolvimento social. As professoras veem a música como uma ferramenta para tornar o ambiente acolhedor. A totalidade das observações registrou essa utilização, especialmente na parte inicial das aulas. Foi possível observar que essas músicas se tornam elemento positivo, auxiliando o

desenvolvimento da aula e, conseqüentemente, colaborando na formação das crianças, uma vez que estimulam comportamentos colaborativos e de interação; um dos pontos interessantes é que estas atitudes comportamentais são mais ou menos intensas de acordo com as músicas cantadas. Quando os alunos têm a oportunidade de escolher as músicas, a interação é ainda maior. Esse fato foi registrado especialmente na classe de Educação Infantil, em que os alunos ‘despertavam’ após a acolhida, ficando bastante motivados. Para serem efetivas nesse processo, muitas das cantigas utilizadas passam por adaptações:

Algumas das músicas executadas em sala de aula sofrem alterações realizadas pela professora ou por alguém da instituição; essa alteração é feita para adequá-las ao conteúdo didático da atividade ou à dinâmica dos alunos (Relato de observação n.º 9, Escola Nercilene Rocha, em 21/05/2018).

É importante destacar a eficiência da utilização da música, pois, pelo que foi possível observar, 100% das atividades que utilizam este recurso conseguem ser efetivas em suas propostas didáticas ou comportamentais. No entanto, apesar dessa eficácia, ficou claro que, nas atividades observadas, a música é utilizada principalmente como forma de diversão, entretenimento ou como elemento auxiliar para outras áreas; é evidente que existe uma lacuna na falta de utilização da música como área de conhecimento próprio. Tal lacuna, ao que parece, pode ter sua origem no currículo dos cursos de formação pedagógica, que não oferecem treinamento específico relacionado à disciplina.

Confrontando as práticas musicais adotadas em classe com as respostas aos questionários, pode-se confirmar que o interesse em trabalhar com a música é grande; a maioria das professoras entrevistadas destacou a importância da música nas atividades escolares:

Acho de fundamental importância, porque a Educação Infantil é uma base de uma boa formação, de onde virão verdadeiros profissionais (Depoimento Professora n.º 3).

Eu penso que deveria resgatar essas cantigas, porque é a nossa cultura. Sim, sempre estou utilizando e realizando essas canções (Depoimento Professora n.º 4).

A música tem o poder de levar as crianças a ter um melhor aprendizado, porém essa prática é pouco executada (Depoimento Professora n.º 5).

A música faz parte de nossas vidas, todos já ouvimos ou cantamos alguma música. É muito importante a inserção da música nas escolas. Ela está presente em todos os ambientes (Depoimento Professora n.º 10).

A música na educação dos alunos é de fundamental importância, pois a mesma contribui para o enriquecimento do ensino, além de desenvolver a sensibilidade, a percepção, a observação e a autoestima da criança (Depoimento Professora n.º 9).

Na terceira parte das observações e questionários, procuramos saber se as professoras possuíam algum tipo de formação ou treinamento musical; 100% das respostas indicaram que não possuem e que, por conta disso, não há qualquer tentativa de ensino musical nas suas atividades.

Este é um dado relevante, no que se refere à formação dessas profissionais. Na totalidade, as professoras declararam que não tiveram formação alguma em Música; no entanto, mesmo que não houvesse uma pergunta específica para esse tema, pois não gostaríamos de induzir as entrevistas, muitas delas manifestaram o interesse e reconheceram a importância dessa formação, exatamente para facilitar a atuação com a disciplina:

Seria muito oportuno se houvesse uma formação (em Música) para os professores principalmente na Educação Infantil (Depoimento Professora n.º 2).

Gostaria que tivéssemos mais conhecimentos sobre a área de Música, uma formação (Depoimento Professora n.º 4).

O principal é a falta de formação para trabalhar com essa proposta [...]. É uma boa proposta porém pouco se fala na graduação em Pedagogia (Depoimento Professora n.º 11).

Nas observações e nos depoimentos, foi possível perceber que as professoras concordam com as afirmações acima, pois demonstram entender a importância da música para as crianças e declaram que têm o conhecimento da necessidade de uma formação na área; tal lacuna impede que elas desenvolvam todas as potencialidades existentes nelas próprias e nos alunos.

Sim, são muitas dificuldades, principalmente por não termos nenhuma formação nessa área [...]. Gostaria muito de realizar uma formação continuada nessa área, pois vejo uma carência muito grande por parte das educadoras das primeiras fases da educação básica (Depoimento Professora n.º 12).

Nesse sentido, parece claro que, na região, existe a necessidade de inclusão de algum tipo de formação em Educação Musical, seja nos cursos de graduação em Pedagogia, seja por meio de cursos de formação continuada, pois esses trabalhos poderiam instrumentar as profissionais da educação no sentido de aperfeiçoarem e estruturarem melhor suas atividades relacionadas à música, potencializando, inclusive, a utilização dos recursos materiais disponíveis (TVs, vídeos, caixas e aparelhos de som) que quase não são utilizados para as atividades da área.

Conclusões

A música é muito importante na vida das crianças, essa presença desenvolve nelas novos conhecimentos [...]. Hoje em dia precisamos de um resgate cultural. Antigamente muitas crianças cantavam e brincavam de roda; essa prática hoje está esquecida (Depoimento Professora n.º 7).

O uso das tecnologias tirou muitas coisas das crianças, uma delas é o gosto pelas cantigas de roda, e é parte da responsabilidade docente e da escola fortalecer o laço entre a música e a criança, despertando nos alunos o interesse pela arte.

De acordo com os dados obtidos, foi possível perceber a relevância da música em sala de aula. Como citado pelas professoras e registrado nas observações, existe o uso da música; no entanto, esse emprego não é realizado como uma prática de ensino, visto que sua utilização se dá principalmente como uma ferramenta para auxiliar as demais áreas, tais como raciocínio lógico, regras, dinâmicas, entre outras, não buscando sua essência como linguagem e área do conhecimento. É possível que o fato de as professoras não terem formação específica em música traga dificuldades para o emprego e o desenvolvimento da disciplina como área do conhecimento.

No entanto foi possível perceber que as profissionais têm grande dedicação e procuram trabalhar da melhor forma possível; mesmo assim, percebe-se que a inclusão eficiente da música nas escolas deveria ser iniciada pela formação complementar das professoras; dessa forma, seria possível diferenciar o que é a música infantil, comercial ou religiosa e as verdadeiras cantigas de roda, utilizar a música como área fim e não

apenas como elemento auxiliar para outras áreas do conhecimento, como forma de entretenimento ou como fundo musical para datas cívicas.

A música é parte fundamental no desenvolvimento da criança, pois ela lhes dá estímulo, facilitando a aprendizagem e trazendo experiências positivas para seu desenvolvimento. Isso está claro na prática e, principalmente, na fala das professoras que colaboraram com o trabalho. O cantar de roda tem sido considerado um espaço que estimula a socialização, pois proporciona as interlocuções dos sujeitos de forma mais democrática. A música dessas cantigas pode contribuir no sentido de tornar o ambiente escolar mais favorável à aprendizagem e o trabalho com elas pode proporcionar uma experiência capaz de contribuir com a alfabetização das crianças, pois o conhecimento transmitido pode ampliar o estímulo e melhorar a pronúncia e a sonorização de sílabas, auxiliando ainda na criação de vínculos afetivos, não apenas com outras crianças, mas também com pais e familiares.

Referências:

ALVARENGA, Oneyda. **Música popular brasileira**. Buenos Aires: Tierra Firme/Fondo de Cultura Economica, 1947. 267p.

ANDRADE, Mario de. **Pequena história da música**. 9.^a ed. São Paulo: Martins, 1980. 245p. (1.^a ed. 1944).

BRASIL. **Lei n.º 5.692/71**, de 11 de agosto de 1971. Diário Oficial da União, Brasília, 11 ago. 1971. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L5692.htm>. Acesso em 10 jun. 2019.

BRASIL. **Lei n.º 13.278/16**, de 02 de maio de 2016. Diário Oficial da União, Brasília, 17 fev. 2017. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/lei/l13278.htm>. Acesso em 10 jun. 2019.

BRAZÃO, José R.; CONCEIÇÃO, Nelson. **Cancioneiro tradicional português**. Cruz Quebrada (PT): Casa das Letras, 2008. 142p.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. 11.^a ed. São Paulo: Global, 2002.

CERON, Isabel Nercolini. A música na educação infantil: a contribuição da música para o desenvolvimento de crianças entre 0 e 5 anos. In: **Encontro**

Regional Sul da ABEM, 16, 2014, Blumenau. Anais. Blumenau: FURB, 2014. p. 1-10.

COSTA, Leidja L. dos S. **A importância da música na educação infantil**. 2009, 32p. Monografia (Especialista em Educação Infantil e Desenvolvimento) – Universidade Cândido Mendes, Rio de Janeiro, 2009.

COUTINHO, Clara Pereira. **Metodologia de investigação em ciências sociais e humanas: teoria e prática**. 2.a ed. Coimbra: Almedina, 2013. 421p. (1.a ed. 2011).

FARIAS, Elaine Gebrim. **As cantigas e brincadeiras de roda como instrumento pedagógico na alfabetização**. 2013, 58p. Monografia (Graduação em Pedagogia) – Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Alto Paraíso de Goiás, 2013.

FONTEERRADA, Marisa T. de Oliveira. **De tramas e fios: um ensaio sobre a música e educação**. São Paulo: UNESP, 2005. 345p.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Classificação e caracterização dos espaços rurais e urbanos do Brasil: uma primeira aproximação**. Rio de Janeiro: IBGE, 2017.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. 1a.ed. reimp. Porto Alegre: Artmed, Belo Horizonte: UFMG, 2007. 340p. Tradução de: *La construction des savoirs: manuel de méthodologie en sciences* (1a.ed.1997).

LOUREIRO, Alícia Maria Almeida. **O ensino da música na escola fundamental: um estudo exploratório**. 2001. 241p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica, Belo Horizonte, 2001.

PENNA, Maura. **Música(s) e seu ensino**. 2. ed. rev. e ampl. Porto Alegre: Sulina, 2014. 247p.

REIS, Andreia R. G.; REZENDE, Ulisses B.; RIBEIRO, Marianna P. P. F. A música e o desenvolvimento infantil: o papel da escola e do educador. **Revista Eletrônica da Faculdade Metodista Granbery**, Santos, n.º 12, p. 1-12, 2012. Disponível em: <<http://re.granbery.edu.br/artigos/NDY3.pdf>>. Acesso em 01 jun. 2018.

RIBEIRO, Eneida M. P.; EUZEBIO, Fabiana O. **A importância das cantigas de roda na educação infantil**. 2013, 44p. Monografia (Graduação em Pedagogia) – Faculdade Capixaba da Serra, Serra, 2013.

SANTOS, Benedita do Socorro M.; MAGALHÃES, Olga Maria S. Cantigas de roda: o resgate popular na formação sociocultural do aluno. **PRACS: Revista de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP**, Macapá, n.º 3, p. 207-210, dez. 2010.

SANTOS, W. R.. Práticas pedagógicas de música direcionadas a escolas no e do campo. In: SANTOS, W. R.; STEPHANI, A. D.; SANTOS, A. R. P. (Org.). **Educação, cultura e etnodesenvolvimento: saberes em diálogo**. 1ed. Palmas: EDUFT - Editora da Universidade Federal do Tocantins, 2019, v. 1, p. 103-113.

SILVA, Cleidiane de O.; CASTRO, Paula A. As cantigas de roda no contexto da educação infantil. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 3, 2016, Natal. Anais. Natal: Realize eventos, 2016. p. 1-10.

SILVA, Maria D. B. **Música e aprendizagem na educação Infantil**. 2014. 42p. Monografia (Graduação em Educação Infantil e Desenvolvimento) - Universidade Cândido Mendes, Recife, 2014.

SOARES, Maura Aparecida; RUBIO, Juliana de Alcântara S. A utilização da música no processo de alfabetização. **Revista Eletrônica Saberes da Educação**, São Roque, v. 3, n.º 1, p. 1-14, 2012. Disponível em: <<http://docs.uninove.br/arte/fac/publicacoes/pdf/v3-n1-2012/Maura.pdf>>. Acesso em 19 jun. 2018.

TENNROLLER, Daiane C.; CUNHA, Marion M. Música e educação: a música no processo ensino/aprendizagem. **Revista Eventos Pedagógicos**, Sinop, v. 3, n.º 3, p. 33 - 43, ago./dez. 2012. Disponível em: <<http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/article/viewFile/974/646>>. Acesso em 19 jun. 2018.

Notas:

ⁱ ANGROSINO, M. V. Observation-based research. In: ARTHUR, J. et al. (Eds.) *Research methods & methodologies in education*. Thousand Oaks [CA]: Sage, 2012. p. 165-9

Sobre os autores:

Wilson Rogério Santos é Doutor em Música (Educação Musical) pela UFBA (2016). Mestre em Artes - Música pela UNESP (2001). Bacharel pela UNICAMP em Composição (1994) e Regência (1997). Atualmente é Professor Adjunto da Universidade Federal do Tocantins - UFT.

Lourenny Elohenny Ferreira Silva possui graduação em Licenciatura em Educação do Campo - Artes Visuais pela Universidade Federal do Tocantins (2018), atuando principalmente nos seguintes temas: educação do campo, ensino - aprendizagem em música, cantigas de roda e educação musical.

Recebido em: 26/06/2019

Aceito para publicação em 10/01/2020